

“Curtir ou Compartilhar? Os dois!”

Somos, de fato, produtos do meio. Nosso pensamento e comportamento são resultado daquilo que vivenciamos, do que experimentamos, e quando no coletivo, passam a fazer parte dos costumes do povo. Da sua cultura.

As redes sociais globalizaram a cultura. Parte dela, certamente, aquela que compreende as atitudes dos cidadãos ao redor do mundo, ou seu comportamento uniforme diante de ações e iniciativas via Internet.

Faça uma pesquisa aí do lado, e veja quantas entre as pessoas que você conhece já não viram, acessaram, ou permanentemente acessam o Facebook. Seja por conveniência, necessidade, interesse comercial ou pessoal, passatempo, pesquisa, busca por pessoas, enfim, virou uma febre cultural mundial. A facilidade e a rapidez com as quais se fazem os “contactos” são fatores que se tornaram fundamentais para que mais e mais pessoas, a cada dia, somem-se aos milhões que já se correspondem.

E, mesmo acessando o Facebook poucas vezes, percebe-se a personalidade de cada um de acordo com suas postagens. Isso torna mais latente a diversidade humana, e a infinita possibilidade de relacionamento diante de comportamentos tão diferentes. Mérito para seus milionários criadores, que perceberam e atenderam a esta demanda.

Mas, há muito mais embutido no “espírito da coisa” que se chama Facebook.

A proposta é fazer “amigos”. Logo, você vai se cadastrar no site e começar a solicitar “amizades”. Depois, como toda rede que se preze você será induzido a fazer amizades com os “amigos dos amigos”, e assim sucessivamente num crescimento que será finito apenas quando você tiver em sua “Lista de Amigos” toda a população mundial, inclusive a que nasce a cada minuto e cujos pais já cadastram seus nomes como novos participantes, ou seja, nunca.

Dia desses, um amigo meu estava contando que, mesmo tendo seus muitos afazeres diários como profissional liberal (médico!), já estava se sentindo refém dos acessos constantes ao Facebook, “só pra dar uma espiadela, e ver se tem alguma coisa nova”, preocupado porque aquilo estava virando um vício. Até porque, hoje com um aparelho celular qualquer você põe a rede social em sua mão. Como a informação e a postagem são em tempo real, de fato, se não cuidar, o cidadão passa o dia, a noite, a semana, a vida só olhando as postagens dos amigos. E dos amigos dos amigos...

Há, inclusive, a possibilidade de interação com a postagem. Está lá escrito “Curtir”. O leigo, o novo na turma não sabe o que significa isso. Você “curte”, e daí, o que acontece? Você quer dizer para seu amigo que gostou, é isso?

“Comentar” e “Compartilhar” já são mais explícitos. E aí, tem também aquelas fotinhos do lado direito da tela que, quando estão acompanhadas de um pontinho verde quer dizer que a pessoa está “on line”, ou seja, você pode fazer contato com ela em tempo real. Incrível a facilidade. Você aprende rápido e, se não souber administrar, quando vê está como um louco entrando e saindo do site várias vezes por dia.

Este mesmo amigo meu, pessoa de pouco mais de 50 anos de idade, num determinado momento percebeu que toda postagem que ele fazia – normalmente comentando sobre fatos do dia – uma certa mulher “curtia”. Era ele postar, ela curtir. Não era uma “amiga” direta, mas uma “amiga de um amigo” qualquer que repentinamente apareceu na sua “Lista”. Ele começou a gostar da “atenção”, e a cada vez que ela postava, claro, como “reciprocidade” ele também curtia. Teve um dia em que ele resolveu investigar melhor, e “cliquou” na fotinho da mulher forçando abrir o seu “Perfil”. Viu a foto maior, mulher interessante e bonita, lhe pareceu ter a mesma idade que a sua, da mesma cidade, enfim, quem diria... Só havia uma pequena questão, um probleminha no meio dessa história: ambos casados.

Mas, o que tem postar com uma “amiga”? Qual o pecado em “curtir” suas postagens? Pois essa coisa platônica foi se desenvolvendo de lado a lado, vagarosa e cuidadosamente, aqui e ali, numa ou em outra postagem, e nenhum dos dois nunca tomou a iniciativa de clicar no ícone “Mensagem”. Estão lá até hoje, se curtindo, “compartilhando” isoladamente algo que somente eles sabem o que é. A coisa é tão profunda que ela anda curtindo as maledicências futebolísticas dele, e ele a intensa religiosidade dela. Aliás, a única vez que ele compartilha mesmo é quando vem a imagem de santo. Talvez em sua própria homenagem...

É como o globo terrestre se falando, agindo, modificando. Ali, na telinha.

O mundo impõe condições ditadas pela modernidade que se renova, pelo avanço científico e tecnológico, e pela inata necessidade que o ser humano tem em se comunicar com seu semelhante, esteja este tão próximo de si ou mesmo nas mais longínquas distâncias. Assimilar e se utilizar disso, descobrir e aprender, ensinar, viver o momento, deixar-se influenciar, e se aproveitar dos recursos que nos são oferecidos, sempre foram parcelas da formação do pensamento do homem. Do seu comportamento, e da sua cultura.

Vamos, então, curtir e compartilhar!



Marcelo Conti

Sócio da SOLUÇÃO Gestão de Negócios e Cultura Ltda.

www.solucao-gnc.com.br